

1
em
SCUDOS

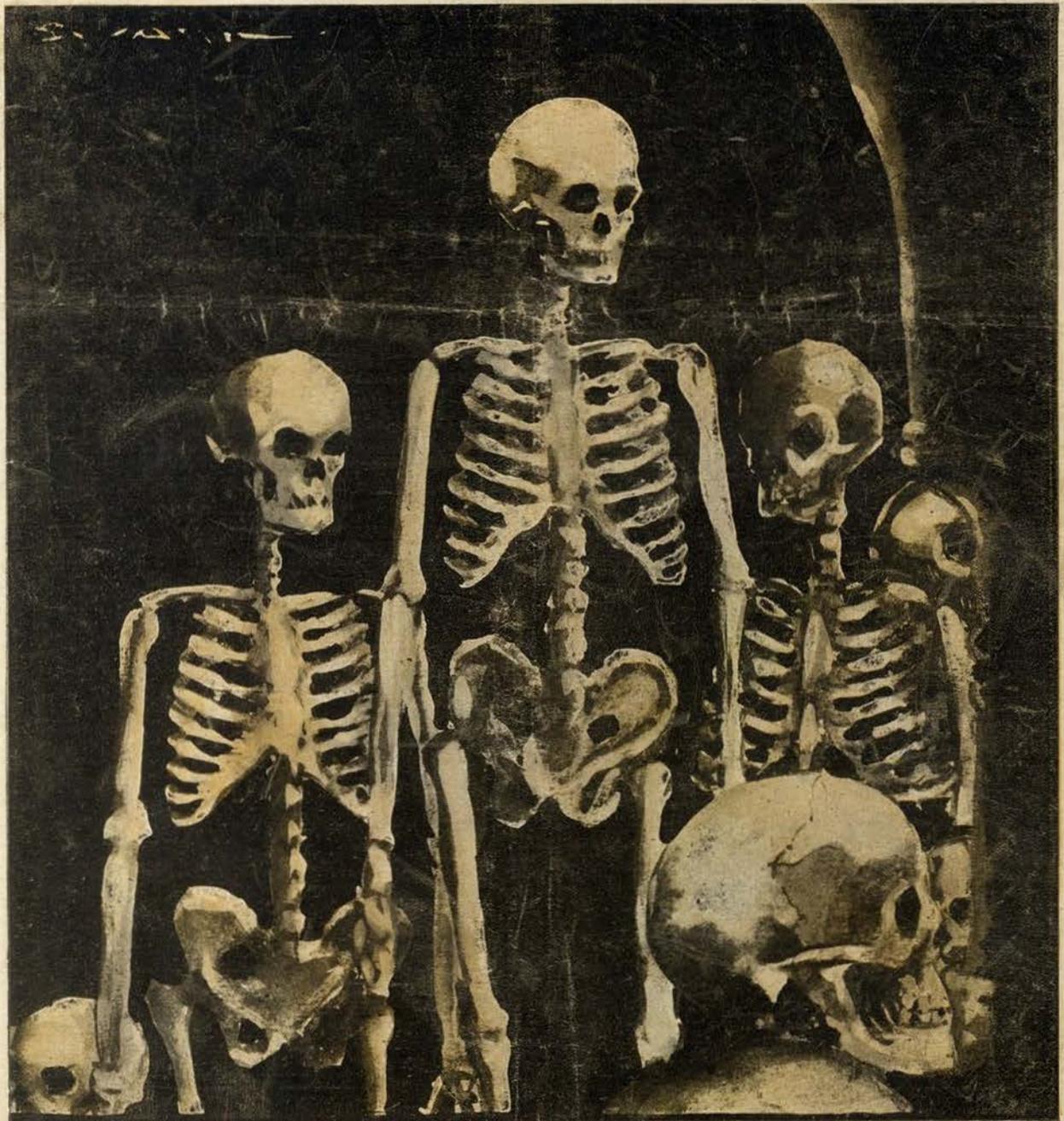
Reporte

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

14 de Fevereiro de 1931

Numero 28



LEIA NESTE NUMERO: Os sete assassinos do Carmo - Al Capone em Hollywood etc etc

Papeis couchés e imitação,
Magazines, Jornais, Livros,
Escrita, etc.

Cartões Marfim, Bristol,
Duplex, Palha, etc.

Das acreditadas fábricas de
GEBRS. VAN REEKUM
de Amsterdam

São agentes gerais para Portugal a
SOCIEDADE DE COMERCIO EXTERIOR, LTD.
Rua do Alecrim, 29 — LISBOA
Telef. 2-1939

Representada por: GILBERTO SEQUEIRA

O papel dêste semanário é fornecido por esta fábrica

ALFAIATARIA

DE

ANTONIO DIAS

Fazendas nacionais

— e estrangeiras —

Largo de S. Sebastião da Pedreira, 34

LISBOA

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da **United States Lines**

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

TOMO DIARIAMENTE



BOVRIL



Pela manhã, ao levantãr-me da cama, sinto
um grande prazer em tomar tão belo

RECONSTITUINTE

À venda nas mercearias, farmacias e drogarias, etc.

“REPORTER X”

Compram-se os números 1,

5, 6 e 7 dêste semanário

que se encontram esgotados

Trata-se na administração do “Reporter X”, Rossio, 3, 3.º

■ LISBOA ■

OS GRANDES MISTÉRIOS

QUEM INCENDIOU O TEATRO BAQUET?

UM COLABORADOR PORTUENSE DO «REPORTER X» CONSEGUE PROVAR QUE HOUVE CRIME E REPRODUZ A CONFISSÃO SENSACIONAL DUM DOS INCENDIÁRIOS

VINGANDO O AMANTE

ESTÁ PRESO O ASSASSINO
DE JACK LINGLE, O REI DOS
REPORTERES DE CHICAGO

e foi uma mulher quem o descobriu]

No primeiro número do *Reporter X*, numa reportagem sobre o banditismo de Chicago, publicou-se a notícia da morte do rei dos reporteres americanos, Jack Lingle, de «Chicago Tribune». Recordemos o episódio... Jack Lingle, moço vigoroso e destemido, amando com entusiasmo a sua profissão, iniciara uma campanha de vida e de morte contra os facinorosos tiranos do crime. Para que a vitória fosse completa descerá até aos mais tenebrosos *bas-fonds* da grande cidade, lidara de perto com todos os «apaches» recrutados pelos «azes» do banditismo, ameaçava todos os dados necessários para reconstituir a tremenda organização das quadrilhas. Quando o seu diário iniciou a publicação sensacional das reportagens, choveram, como azagaias, as ameaças de morte... Jack Lingle, indiferente, prosseguiu a sua obra. Uma noite — em Julho do ano passado —, saindo dum «club» onde jantara e ao atravessar uma ponte para se dirigir a uma estação de metropolitano, dois homens o ensandwicharam com um pretexto fútil, enquanto um terceiro, que ficara para trás, o fuzilou pelas costas. Morte instantânea!

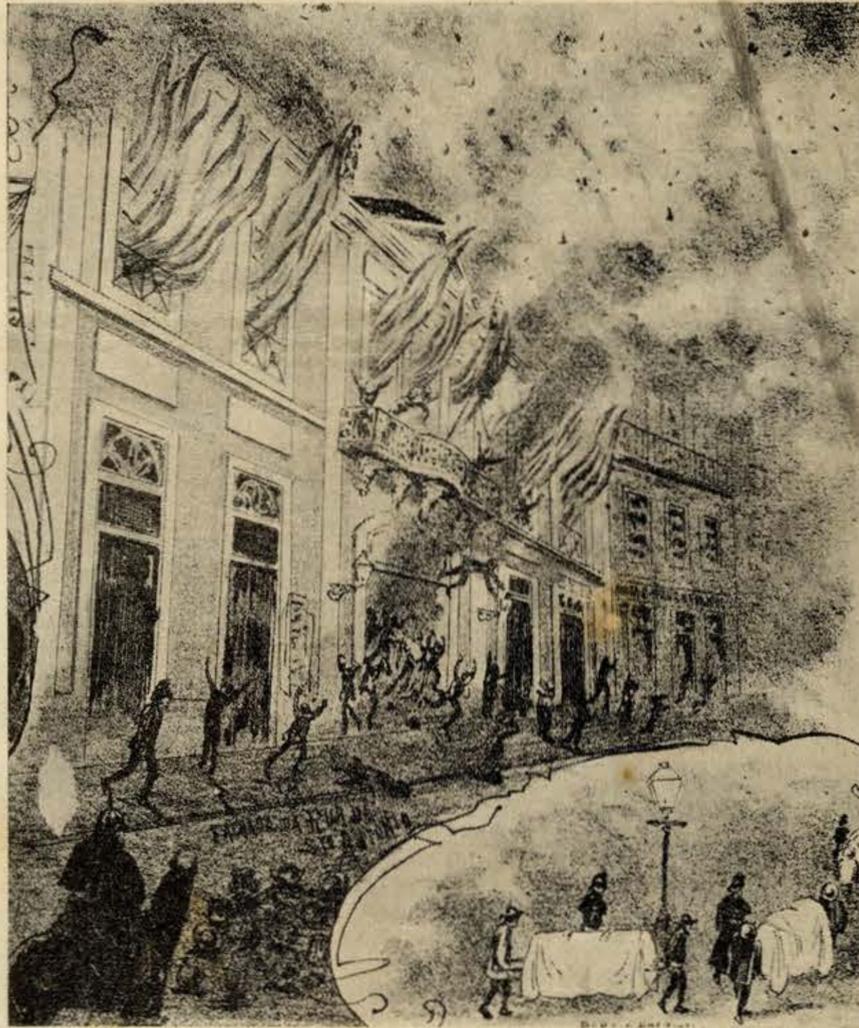
Toda a cidade, toda a América, vibrou de indignação ante o cadáver do reporter-mártir. Todos os jornais, todos os jornalistas se juntaram na mesma revolta — declarando que iam obrir fogo sem piedade e que não repousariam enquanto o banditismo de Chicago não fosse estripado. Amedrontados, os «azes» do crime tentaram salvar-se — a eterna *chantage* — insinuando que Lingle era seu cúmplice. Durante todos estes meses pesou esta dupla máguia nos que admiravam o rei dos reporteres: a da calúnia, por sangrar, e a da impunidade do criminoso. Há poucos dias telefonaram para «Chicago Tribune». Era uma voz de mulher: «Se querem prender o assassino de Lingle venham depressa ao *Cabaret Stars*. A polícia e os jornalistas invadiram o *restaurant* e surpreenderam em flagrante confidência o criminoso, que era Leo Brothers..., um honrado comerciante de Chicago, que ninguém supunha filiado no banditismo. Confessou o crime e confessou a calúnia. Como cairá ele na cilada? Uma mulher, amante de Lingle, quisera vingar o reporter. Ela só lutou contra o mistério até descobrir o assassino. Descoberto este, fez-se amar por ele, fingiu ceder a um *rendez-vous* que lhe solicitara, embriagou-o, confessou-o — e, uma vez na posse de tudo, telefonou para que viessem prendê-lo...

O que uma mulher não consegue — nem o diabo o conseguiria...

Na História da Justiça, em todo o mundo, são inúmeros os capítulos incompletos — os crimes impunes; como são frequentes os capítulos mal terminados — os erros judiciais. E se há tragédias que o tempo vai apagando, outras há que ecoam, de época para época, sem que a poeira do tempo as

os descendentes e os amigos dos que pereceram nesse enorme brasero. Vai fazer em 21 de Março quarenta e três anos.

Guilherme Gomes Fernandes, que levou aos grandes concursos internacionais



O incêndio do Teatro Baquet: Reprodução duma gravura dum jornal da época

patine de esquecimento. Por isso é que ao tûmulo onde foram recolhidos os restos das vítimas do Baquet, no cemitério de Agramonte, todos os anos, mãos piedosas o vão colorir de flores. Foi tão grande o número de vítimas que podem contar-se hoje por milhares, nesta cidade,

os bombeiros portugueses, colocando-os em primeiro lugar ao lado das deputações dos outros países, era o Inspector dos Incendios no Porto, quando se deu a grande catástrofe da Opera Comica, de Paris. Sabendo-se que as más condições em que este teatro se encontrava tinham

facilitado a propagação do incêndio e aumentado o número das vítimas, o governador civil do Porto, dr. Albino Montenegro, pouco depois falecido, nomeou uma comissão encarregada de vistoriar os nossos teatros, tal como sucedeu em nossos dias, depois da catástrofe do Novedades, de Madrid.

«Em todos eles — conta-nos Sousa Rocha — foram consideradas imprescindíveis umas certas e determinadas obras e medidas e muito principalmente no Baquet, que a referida comissão chegou a condenar, achando mais acertado que este teatro não voltasse a funcionar do que nele fossem introduzidos os melhoramentos apontados. Pois, apesar de tudo isto, os teatros abriram as suas portas ao público sem que as obras con-



O interior do Teatro Baquet, depois do incêndio

sideradas urgentes e imprescindíveis fossem feitas».

Um mês antes do incêndio, o jornal de crítica *O Sorvete* comentava: «Baquet. — Continua a funcionar... até que haja um sinistro como o da *Comédia Francesa*, em Paris».

Isto foi em 5 de Fevereiro; em 21 de Março dava-se a catástrofe.

Quando se deu pelo incêndio, que se manifestou no palco, o público, numa precipitação louca, atirou-se desordenadamente em direcção ás portas da sala, daí ás varandas, onde muitos se lançaram para as ruas de Sá da Bandeira e Santo Antonio, ou para as portas de saída, de roldão pelas escadas... No início do pânico, a luz apagou-se em todo o teatro. Só as colunas de fogo crepitantes alumiam trágicamente caminhos desconhecidos e falsos, verdadeiras ratoeiras que conduziam à morte. E a multidão

amalgamava-se, atropelava-se, caíam uns sobre os outros e, abafados, em posições horríveis, para ali ficavam, corpos sobre corpos, aos montões, entregues ao pasto das chamas... Depois há uma ordem sêca, desesperada. Os que, por dever ou espírito de solidariedade, arriscavam a vida para salvar as alheias, fogem para a rua. Ia dar-se a horrível derrocada... No dia seguinte um montão de destroços... e nada mais...

O incêndio do Teatro Baquet foi casual? A sua má construção não consentiu que o incêndio fosse extinto; as péssimas condições de saída deram a nota horrorosa da catástrofe. Mas a bambolina por onde o incêndio começou foi incendiada por uma gambiarra de gás ou uma mão criminosa lhe lançou fogo? Era o Teatro Baquet o único que estava em condições de não funcionar? O relatório dos técnicos, a que a tragédia deu razão, obedecia apenas à defesa do público ou tinha, a par dessa, outra finalidade, a de fechar esse teatro?

Série de perguntas é esta a que é delicado responder a tantos anos dum facto que apaixonou a opinião pública da época e que hoje vive apenas, como recordação de saúde, na alma dos que descendem das pobres vítimas. Estas notas, que procuram despertar um pouco de interesse na recordação da grande catástrofe, temos de reuni-las, seleccioná-las, pelas recordações dos que à tragédia assistiram.

— O incêndio do Baquet não foi casual. O teatro estava condenado pelos peritos, é certo — diz-nos um sobrevivente. — Mas é preciso colocarmo-nos dentro do espírito da época para compreender que, contra a opinião dos peritos, uma corrente de opinião se levantasse, pedindo a abertura do Baquet, e tendo-o conseguido. Ora ouça, e tire do que a minha memória conseguiu reconstituir as deduções que entender. O Baquet tinha inimigos. Um poderoso inimigo, vizinho de ao pé da porta, movia poderosas influências para que fosse fechado. O relatório dos engenheiros veio dar-lhe a vitória. Gomes Fernandes, estando de acôrdo com os peritos, apresentou, no entanto, a sua opinião de que

(Conclui na pag. 14)

AL CAPONE

O «tzar» do banditismo americano é hoje o maior vendedor de bebidas clandestinas em Hollywood —

Al Capone, o «tzar» do banditismo norte-americano, é, como se sabe, um dos maiores negociantes de bebidas clandestinas na America. A «lei sêca» tem sido para ele um estupendo negócio. Por isso é um dos defensores mais entusiastas dessa lei.

Não contente com a enorme co-



lheita dos seus negócios ilegais em Chicago, Al Capone resolveu estender a sua actividade a Hollywood, a cidade do cinema. E' curiosa a maneira como o bandido logrou açambarcar quasi todo o negocio de bebidas clandestinas da «Cinelândia». O método empregado para a conquista daquele mercado tem na America o nome *muscling in* (entrar à força de músculos) e consiste no seguinte:

O grupo de Al Capone instalou-se em Hollywood e sugeriu «diplomáticamente» os preços das bebidas aos proprietários dos *bars* clandestinos. Cada proprietário recebia confidencialmente uma proposta pouco mais ou menos nestes termos: «Você compra-nos as bebidas. Se for preso arranjar-lhe-emos o dinheiro da fiança. Dar-lhe-emos também a nossa protecção caso se estabeleça luta com os seus concorrentes. Se a nossa proposta não lhe merecer interesse, abriremos por nossa conta um *bar* competindo consigo a preços baixos, até forçá-lo a abandonar o negócio.»

Desta maneira «gentil», Al Capone apoderou-se de 75% do negocio de bebidas em Hollywood. Dentro em pouco ele elevará o preço das bebidas, porque, sem concorrência, procurará as altas e baixas naquêl mercado, segundo o seu capricho.

A INDÚSTRIA DOS RATOS?

Reportagem verídica sobre uma casa no Alto do Pina onde se dão muitos bailes e em cujas caves se criam centenas de roedores

NÃO existe nenhum lisboeta que desconheça essa figura típica, do elenco caricatural cittadino, que foi o «Luciano das Ratas». Experimentado turista das entranhas subterrâneas de Lisboa, viajava pelas tripas labirínticas da capital, mergulhando até ao joelho nos lodaçais perpétuos e agonizantes dos canos de esgôto, caçando ratas com a perícia e a altivez dum caçador que nas Áfricas fuzilasse leopardos ou zebras. Profissional dum *métier* excêntrico e sem concorrentes, o «Luciano» não só conseguira um jornal quantioso para a sua modestia de operário, havia semanas que o seu estendal de roedores mortos lhe era pago, no balcão do Município, por vinte e trinta mil reis, quando o dinheiro tinha valôr... equitativo, como o aureolara de tal fama e popularidade que a sua presença, obrigatória em cortejos e solenidades públicas, era acolhida por muitos d'êdos espetados, murmúrios de admiração e até aplausos, como um herói idolatrado pelo povo.

Um dia «Luciano das Ratas» deliu-se, sumiu-se, sem deixar rasto, sem substitutos... Durante algum tempo e espaçadamente, houve quem perguntasse — numa súbita lembrança: — «E' verdade? E o que foi feito do «Luciano das Ratas»? Ninguém sabia elucidar os vagos curiosos, que desistiam logo da sua curiosidade. Há mais de vinte anos, seguramente, que esse «tipão» se apagou do friso da popularidade onde se destacava...

Há pouco tempo, estava eu num café excêntrico, d'êsses cafés que são a nota mais eloquente do contágio da *city* nos bairros ex-tranquilos, afastados e provincianos de Lisboa, beberricando cervejas com dois habitantes d'êsse mesmo bairro. E um d'êles disse-me:

— A Estefânia, Almirante Reis, o Bairro dos Açôres, o Alto do Pina, toda esta zona era, ainda há quinze anos, uma aldeia fronteiriça da capital. Hoje é tão cidade como o resto da cidade. Tem cafés, cinemas, restaurantes, «taxis» — e até... *mistérios*. Tu vês aquela família que abançou aquela mesa?

Contorceinei o pescoço para a observar discretamente. Era um sujeito de meia idade, olhos bugalhudos quasi a saltarem das órbitas, uma matrona de seio volumoso e ar berrante de *madre* de zarzuela, e duas pequenas roliças, picantes, pintadas e sófregas de olhares tenorianos. O meu companheiro prosseguiu:

— Vivem no Caminho do Alto de S. João e próximo do cemitério. Começaram por ser inquietos duma gaiola que tremia no menor vento... Compraram a gaiola e os terrenos à volta, construíram uma casa decente, têm jardins e vivem como é raro viver-se em Lisboa. Do pai e da mãe contam-se t'aras monstruosas, mas isso é lá com êles. O que sei é que poucos pais dão às filhas as liberdades para gozarem a juventude que êles oferecem à prole. Rara é a noite que a salêta do rés-do-chão não se enche de rapazolas, mais ou menos pretendentes... passageiros das filhas e de mocinhas estouvadas que tocam gramofone e piana e bailam e bebem Porto e comem pasteis em abundância. E êstes festins duram até de madrugada. São conhecidíssimos em tôdas estas redondezas...

«O seu *mistério* nasceu das despesas, cada vez maiores, que representam o programa esturdo da sua existência — e da aparente falta de fortuna e

de trabalho do chefe da família, ainda há poucos anos pobre e bruscamente habilitado aos gastos quantiosos que exhibe. Uma noite, o meu amigo Z..., estudante militar, foi lá levado por um camarada e acolhido com entusiasmo pelas pequenas. Bailarico, ceia, vinho, muito vinho — até que a mamã, mais insaciável do que tôdos os presentes, veio anunciar que se esgotara o fornecimento do Porto da sala de jantar. «Vai à cave!» — disse-lhe o marido, dando-lhe as chaves. E a seguir, esbugalhando mais ainda os olhos do que o habitual, numa expressão grave, avisou: «Mas faz-me o favor de têres cuidado e de fechares bem as portas».

«O tom em que isto foi dito impressionou o meu amigo, que não se deixara atontar como os outros... Ouviu ranger de chaves; sentiu uma imprevisita corrente de ar gelar-lhe o rôsto; e pouco depois surgia a dona da casa com novo fornecimento. Eram duas da manhã — recorda-se êle; e às cinco, quando a mamã, perdendo os últimos batons da sua falsa seriedade, canceava com os convivas, ante as gargalhadas tolerantes do espôso, e as filhas se empoleiravam nas cadeiras para fazerem brindes fantásticos — uma das mocinhas, que participava da festa, perforou a gritaria com um grito de terrôr.

— «O que foi?»

— «Um rato!»

«Não era um rato! Eram muitos ratos! Alvorço, pânico, berreiro, correria, debandada geral, portas que batiam com estrépito; e quando o meu amigo, mais calmo do que tôdos, pôde medir bem a sua situação, estava sosinho na sala, fechado à chave, e dezenas, talvez centenas de ratos cruzando-se em tôdas as direcções, trepando aos móveis, numa fúria de pequeninas fêras esfomeadas. Quando saiu — disse-me depois — tinha a impressão que vivera um pesadelo horrível. Recordar-se apenas que ninguém lhe apareceu para o acompanhar à porta, e que dum dos quartos vinha a voz colérica do dono da casa, berrando: «Imbecil! Bebedia! O que vai ser de nós — se êles contarem lá fóra o que viram! Eu bem te preveni que fechasses a porta!» E em ritmo com a pregação do marido — a espôsa gemia e guinchava, na toada de quem está sendo lategado...

— E o que concluis daí? — Indaguei...

— O caso constou... — concluiu o meu informador, sorrindo. — Houve um operário que tinha trabalhado na construção do prédio, que uma noite, bem bebido numa taberna do bairro, confidenciou ao indiscreto que lhe pagava os copos que o chefe da família mandara cavar uma escada tão funda que era impossível que não fosse dar aos canos; e que, para que êle e outros nada dissessem, tôdos os meses iam receber, a certo sítio, uma gratificação. Mais tarde contou que a fortuna da filha vinha da sociedade que tinham num negócio de... embutidos... Liga agora os factos, se quiseres...

Contorceinei mais uma vez o pescoço... A família lá estava — a mamã pintadíssima, o papá de olhos bugalhudos, as meninas, roliças e picantes, fitando-nos, tôdos êles, numa expressão angustiosa, como se temessem que nós tivéssemos adivinhado o seu segredo...

R. X.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

O coveiro do cemitério de Mafra

NÓ excelente volume de «Memórias» de Dom Tomás de Melo Breyner, há pouco publicado, fala-se a páginas 358-359, como já noutro artigo salientei, num célebre coveiro de Mafra — o Zé Gago — «homem andrajoso, horripilante, nojento, macábrio, tatebitate difícil de entender, velho, corpulento, mas alcachinado, braços longos como os gorilhas, terminando por mãos ossudas. Usava suíças brancas e era desdentado.»

Estes traços com que Dom Tomás me revivia a memória sobre a figura exótica do repelente coveiro da minha terra, são flagrantes de verdade. São rigorosas de expressão. Estou a vê-lo à distancia de quasi quarenta anos. Morava o homem no «Caminho da Fôrca», à Quinta do Dr. Azevedo, numas casas abarracadas, sem janela para a rua, e servidas por uma porta estreitíssima e baixa. O Zé Gago era realmente corpulento e alto e para entrar em casa tinha que se curvar muito mais do que já era. Feiíssimo. Não há mesmo palavras que pintem este Quasimodo mafrense. Não me lembro de conhecer, nem antes nem depois d'êle, figura de mais repelente fealdade, a não ser a mulher, que ainda conseguia — Deus do Céu! — ser mais feia do que o marido. Ela e êle pareciam duas figuras arrancadas pelo lapis de Doré às paginas da Divina Comédia. Se o Zé Gago era uma caveira ambulante, a mulher era a expressão viva daquelas bruxas lendárias que preenchem os contos das lareiras aldeãs em noites de invernia. Os olhos hostis, chispantes, ora pareciam os de uma hiena, ora os de uma coruja. Quando, aos domingos de tarde, se sentavam os dois à porta do pardieiro, êle numa grande pedra que talvez ainda lá esteja, e ela num môcho pequeno e baixo que desaparecia sob a roda das saias, infundiam pavor a quantos por ali passavam. A' mulher chamavam-lhe a bruxa da Fôrca. Era má, rançosa, intratável. Nem um nem outro conviviavam com a vizinhança, que os detestava. Os garôtos, sempre que podiam, corriam-nos à pedra. Zé Gago vingava-se quando adregava de pilhar algum portas a dentro do cemitério.

Diz Dom Tomás que o Zé Gago «tinha o mais profundo desprezo pelos desgraçados enterrados em simples caixão de madeira, de corpo à terra ou na vala comum». E manifestava-o sempre. Por tôdas as formas. Por gestos mais do que por palavras, e por obras principalmente. Diziam-se d'êste horrendo brutamonte as coisas mais téticas e repugnantes. Acusavam-no de nunca ter gasto dinheiro, depois que se entregou ao seu duro e pouco invejável mistêr, em fatos ou calçado, nem para êle nem para a mulher. O cemitério era o seu caso de fornecimentos. Odiava as crianças. Seus olhos, pequenos, quasi sempre semi-cerrados, dilatavam-se, em circunstancia, quando, zangado, fitava os miúdos. As mãos enormes, compridas, ossudas, eram umas mãos como nunca vi outras. Pareciam tenazes gigantes cravando-se nos cadáveres. Os maxilares estavam em movimento constante, como se êle estivesse eternamente remoendo a propria bílis. Se abria a boca mostrava uma caverna sem fundo. Nas lutas com a rapaziada bravia levava sempre a melhor, porque a sua mão certa era de respeito. Sítio que marcasse com os seus olhos circunferenciados, era pedrada certa e segura. Não errava nunca. Um dia acertei-lhe com uma pedra na cabeça e fugi. Passaram-se meses. Uma tarde entrei no cemitério com outros rapazes acompanhando um miúdo da nossa idade que morrera. O Zé Gago viu-me e reconheceu-me logo. Eu já me não

lembrava da pedrada atrevida com que meses antes o havia mimoseado. Mas lembrava-se êle. E antes que eu tivesse tempo de me recordar e fugir, deitou-me a garra de gorilha aos fundilhos das calças e levando-me de barriga para baixo, esperneando e gritando como um possesso, foi até ao fundo do cemitério, do lado do norte, no último recanto, onde havia e ainda deve haver uma pequena casa de guardar as ossadas e as ferramentas, e atirou-me lá para dentro como quem atira fóra com um fardo inútil. Depois fechou a porta à chave e veio enterrar a criança. Valeu-me o homem



que nos acompanhava e que o obrigou, quasi à força, a abrir-me a porta e a pôr-me em liberdade. Nunca mais pude encarar de frente a avantezma hedionda e vampírica d'êste Zé Gago. Quando o via, e me lembrava da scena do cemitério, sentia dentro de mim uma revolta enorme.

Ora, sobranceira à moradia do coveiro, talvez com uma rampa de quinze ou vinte metros, ficava uma rua em começo que, partindo da velha Rua dos Ferreiros, quasi não tinha saída para o Caminho da Fôrca senão por um despenhadeiro abrupto que só os rapazes podiam descer de socaleco em socaleco.

Depois da scena a que acima me refiro, e durante muitas semanas, era rara a tarde em que eu não ia, com tôdas as cautelas, até junto da ravina para gritar cá de cima um «E! Zé! Gago!» provocador e vingativo. E quando o pobre coveiro assumia ao buraco do casêbre, desabava-lhe em cima uma saraivada de pedras que eram então o meu consôlo e são hoje, na recordação destas linhas, o meu remorso...

Vale do Toiro chama Dom Tomás ao sítio onde em Mafra se encontra o cemitério novo, porque o velho foi, até 1833, na vila velha, ao redor da própria igreja. Vale do Toiro. A gente da minha terra chama-lhe de preferência *Malvar*. Nem de uma nem de outra designação consegui descobrir até hoje a origem, mas

(Conclui na pag. 15)

Os segredos da «Mão Negra»

Prossegue-se na revelação do estranho ritual dos filiados na Camorra, — a mais poderosa organização de bandidos dos últimos tempos —

(Continuação do número anterior)

A' aproximação da hora da sessão, o Camorrista de Dia tira tôdas as armas dos camaradas, sendo de seu dever abandoná-las enquanto durar a reunião, guardando-as em local seguro arranjado para êsse fim.

Quando se dissolve a sessão, o Camorrista de Dia, a fim de evitar qualquer confusão, apanha as armas que estão à sua responsabilidade e pergunta:

— A quem pertence esta arma?

E vai-as restituindo conforme os donos se vão acusando.

O CRIME DE BURLA E O SEU CASTIGO

Aquela gente, profissional do crime, que vive unicamente para o banditismo de toda a espécie, considera a burla crime imperdoável — a burla feita à organização da «Mão Negra». Um sócio não tem o direito de esconder a inportância da Camorra (roubo) que obteve ou ficar com uma simples moeda dela.

A Filial castigará o Camorrista que cometer crime de burla, forçando-o a pagar uma lira por cada vintem e, em caso de reincidência, a ser morto pelo código da navalha.

O código da navalha é o castigo aplicado ao sócio que deve ser anavalhado até morrer. O Chefe dá a primeira facada apontando ao coração, e os restantes sócios, cada um por sua vez, anavalham o culpado. Quasi sempre morre à primeira navalhada do Chefe. No entanto, para que a sentença se cumpra até ao fim, mesmo que o sócio já esteja morto, os outros persistem em anavalhá-lo por sua vez.

AS RELAÇÕES DE SOLIDARIEDADE ENTRE OS «CAMARADAS»

Os Camorristas devem estimar-se mais do que irmãos. Devem respeitar-se mutuamente. A inveja não pode existir entre êles.

Dentro do seu circulo social, os sócios devem abandonar tôdos os titulos e tratarem-se por «camarada» Fulano, sem olhar a se é fidalgo fóra do circulo.

Se houver questões ou mal entendidos entre camaradas, o Camorrista de Dia é obrigado a comunicá-los à Sociedade, que deliberará sempre em última instância.

Havendo graves dissidências, que aliás

não devem produzir-se entre camaradas que realmente acatam os principios da Camorra, quando a Filial não puder resolvê-las amigavelmente, será escolhido um local apropriado onde os dois defenderão os direitos à navalha. E' uma espécie de duelo.

Cada um dos contendores será as-



Uma proeza dos Camorristas

sistido por dois segundos. (Tôdos aprendem a esgrima da navalha, sendo as armas de fogo consideradas cobardes).

OS DEVERES DO PICCIOTTO

O Picciotto di Sgarro, quando estiver na prisão deve, tôdas as manhãs, preparar a *toilette* do Sábio Mestre, e à noite arranjá-lhe a cama com esmero, pois o Picciotto de Dia e o Camorrista inspecionarão minuciosamente o seu trabalho.

Ambos devem manter a ordem e vêr o que se passa na prisão, fiscalizando os jogos de azar, evitando discórdias e, tôdas as manhãs, comunicá-las aos bur-sars. Estes, por seu turno, comunicá-las aos seus chefes, que por sua vez dão semanalmente conhecimento à sua gente de tôdas as noticias.

Quando há assunto urgente, convo-ca-se uma sessão extraordinária.

MODO DE RECONHECIMENTO

Se um Camorrista estranho deseja ser reconhecido em qualquer cidade onde exista uma filial da Sociedade, basta-lhe procurar o Camorrista de Dia e mostrar-lhe as suas credenciais, dizendo:

— Leve como noticias do dia ao seu

(Continua na pag. 15)

SÃO duas folhas de papel sóbrio, sem coloridos pretenciosos de namorado provinciano, nem basófilas de «má caligrafia» propositada para prosapiar doutorice. Linguagem simples, letra simples, papel simples. Não a reproduziremos totalmente — limitando-nos a extrair os períodos que oferecem maior interesse ao quadro jornalístico que ela nos oferece, por falta de espaço. Eis o primeiro trecho a fixar:

«Srs. Redactores do «Reporter X»: «O mistério de Budapest» cuja reportagem li, logicamente empolgado, não me era desconhecido de todo, confesso. Vira até uma referência e uma reconstituição gráfica no suplemento ilustrado dum jornal italiano. Ignorava, sim, todos os detalhes e os antecedentes que V. V. expõem no seu artigo deveras palpitante. Mas em mim a leitura dessa reportagem não representou apenas um quarto de hora de emoção. Evocando-me um caso já esquecido por todos — e até por mim —, obrigou-me a desfazer-me da tela de preguiça que me gela todos os entusiasmos para o trabalho, levando-me a concluir uma pequena averiguação, iniciada há mais de dez anos e que, sem o exemplo do caso dos esqueletos de Budapest, nunca mais rematava. Tive sempre uma certa tendência para esses casos intrigantes de mistério e de aventura — e nisso devo sair a alguém do meu sangue que bem caro pagou as suas ousadias. Recordam-se V. V. do achado macabro do Carmo — a história de dois esqueletos que...»

A SENSACÃO PRODUZIDA PELA REPORTAGEM DE BUDAPEST

Suspendamos agora por uns minutos a passagem a papel químico das declarações do nosso ilustre «assíduo leitor». A reportagem com que inauguramos «O caso de Budapest» causou uma profunda comção no público que compra o nosso jornal com a antecipada certeza de que nele encontrará uma leitura interessante. O correio e, a seguir à venda sempre crescente, o nosso melhor barómetro para medirmos o efeito produzido pelo nosso esforço. Ele deu-nos, esta semana, através as dezenas de cartas e postais desflexados tanto de Lisboa e do Porto como de todos os recantos da província, a noção nítida dessa emoção e desse interesse. É uma correspondência sem objectivo, e por isso mesmo representa, no seu desabafo, um elogio sincero. Mas entre tantas cartas uma se destacou logo aos nossos olhos. É escrita por alguém — e aqui a palavra alguém adjectiva, com justiça, um espírito brilhante, que se oculta, modesto, no quasi anonimato dum pseudónimo indicável. A sua missiva, cujo introito revelámos já, tem um duplo valor: o do sensacionalismo da revelação que contém e a elevação da forma com que está redigida.

Refere-se o nosso ilustre correspondente, por associação de ideias com o caso de Budapest, ao mistério dos esqueletos do Carmo, julgando, claro está, que nós nunca ouvimos falar de tal assunto ou se ouvimos, foi tão ligeiramente que o olvidámos por completo. Não é assim. Não só não o esquecemos como até tivemos um papel directo e vivo nesse macabro grand-guignol.

O PILAR DESENTERRADO

Era então o autor destas linhas reporter-aspitante em *O Seculo* — e dedicava o seu entusiasmo de neófito aos assuntos sensacionais da edição nocturna. Antes de abancarmos para escrever esta página — tivemos a curiosidade de folhear os *dossiers* onde arquivamos os melhores (que são muitos) dos artigos de mais categoria que publicámos até hoje. Lá estava... Vimos a data... Foi no mês de Março de 1919. Há perto de doze anos, pois...

Uma tarde em que a falta de assunto tornara silenciosa a redacção e mal encarados os redactores, um médico amigo, pertencente à Guarda Nacional Republicana — e que pouco depois se suicidou em África (escusámos de revelar o nome...), telefonou pedindo confidencialmente para que *O Seculo* mandasse alguém ao Quartel do Carmo. Calu-nos a sorte — e farejando um assunto

Os onze esqueletos misteriosos do Carmo

Como um enigma trágico do ano 1779, cujas vítimas só em 1919 foram encontradas num quartel de Lisboa, é decifrado em 1931 por um leitor do «Reporter X»

sensacional para lá nos dirigimos. O nosso amigo guiou-nos até às traseiras do Quartel — e torturando um pouco a nossa paciência, alongou-se na narrativa preambular:

— Há coisa de um mês ordenou-se superiormente que fossem cavadas estas terras porque, segundo informações obtidas, existem, sob as actuais cavaliarias, vastos subterrâneos. Ora, como estamos muito apertados, resolveu-se desventrar esses subterrâneos, descarná-los da terra que os cerca e rasgar um caminho que lhes dê acesso e que permita a construção de novas cavaliarias... «Começaram as obras — e poucos dias depois



provava-se que a informação não era fantástica. Não só as paredes continuavam a uma profundidade de alguns metros — como V. está vendo — como cobriam espaçosas casas e como ainda dispunham de amplos portões que facilitavam a entrada e que portanto simplificavam a realização do projecto. Aumentou-se o número de homens que estavam trabalhando — e iniciou-se a limpeza das futuras cavaliarias, que estavam verdadeiramente entulhadas até mais de meio, em alguns sitios — e mesmo até ao tecto, noutros. Ontem de tarde, um dos homens que estavam desmoronando os montes de entulho sentiu que a

picareta ferira uma face sólida e dura. Surpreendido ao princípio, enervou-se de impaciência e continuou febrilmente o trabalho, sem a menor precaução, e tanto assim que, ao conseguir libertar o obstáculo da terra que o enroupava e ao deparar-se-lhe um pilar largo como o cano de uma grande fábrica, já o ferro tinha aberto numa das faces um buraco respeitável. Alarmado, chamou os companheiros. Estes acudiram e um mais curioso ou mais ousado, espantado, declarou: «Mas isto é óco!» Acenderam fósforos — e outros olhares curiosos confirmaram a novidade. O pilar era de facto óco. E teriam ficado por aqui — quando um soldado que se acercava gritou:

— «Está gente lá dentro!»
«No primeiro momento houve uma debandada de pânico. Depois, encorajando-se, troçando uns dos outros, voltaram a fazer cerco ao pilar e um deles resolveu descobrir o que havia ali dentro. Pegou com energia na ferramenta e dez minutos depois rasgava um orifício de diâmetro suficiente para a entrada de um homem. Sabe você o que surgiu aquelas dezenas de olhares atônitos, pasmados, aterrorizados quasi?»

ENTERRADO VIVO

«O pilar era óco e havia dentro d'ele uma escada em espiral, de degraus numerados, que parava no tecto. Sentado nos últimos degraus e contorcido numa atitude angustiosa, estava um esqueleto humano, que eu, depois, examinando, como médico, constatei que pertencia ao sexo masculino e que devia orçar pelos seus vinte e tal anos. Os operários, porém, sem serem médicos, tinham chegado antes de mim à mesma conclusão, no respeitante ao sexo — visto que as ossadas conservavam ainda, num relativo bom estado, o fato que o infeliz vestia... casaca de seda negra, bordada; colete bordado; tufos de renda no peito e nos punhos; calção; meia alta e sapatos de fivela; e no chão, caídos, roídos pela humidade e pelo tempo, os restos de um bicorno e de uma cabeleira. Resumindo: tratava-se de um jovem que vivera — e morrerá — nos finais do século XVIII, princípios do XIX...»

«Mas não termina aqui o folhetim. Durante horas o macabro achado foi o espectáculo emocionante de todos os soldados e oficiais do quartel e amigos a quem os meus camaradas contavam o sucedido. Houve por fim um observador mais arguto que denunciou uma anomalia que os outros não haviam notado ainda: é que o esqueleto ocupado pela escada e pelo esqueleto correspondia apenas, em fundo, a metade do pilar. Esta afirmação, que também foi imediatamente comprovada, fez com que se erguessem dez ou doze picaretas simultâneas e sófregas de acção e minutos depois uma nova abertura era esburacada na face oposta à primeira. Rabiaram exclamações de pasmo, de

surpresa, de atontamento quasi... Por aquela nova descoberta é que ninguém contava...

O SEGRÊDO DOS NOIVOS DA MORTE

«O segundo orifício deixava ver um outro esconso, exactamente igual, em proporções e forma, ao primeiro, com uma idêntica escada em caracol barrada pelo tecto, ou seja pelo soalho das cavaliarias superiores; e nos degraus, numa altitude de semelhante contorcimento, um outro esqueleto existia. Era um esqueleto do sexo feminino. Dei-lhe uns dezassete anos — e não devo estar em erro. E como sucedera ao esqueleto masculino, envolviam ainda este vestígios numerosos de toilette — uma toilette de seda preta, e uma mantilha da mesma cor... Quere vê-los?»

Acompanhámos, páidcs, nervosos, o nosso ilustre cicerone; e comovidamente vimos o que ele nos parrara já. E terminado o exame, acrescentou: — Como sabe, este quartel foi, durante séculos, convento — convento de frades. Os frades eram exímios ilusionistas neste género de prestidigitação: em esconderijos, passagens secretas, portas falsas, duplas paredes. Aquêlle pilar — é evidente — servia-lhes de cárcere oculto. Uns alcapões rasgados no soalho de qualquer dependência do convento, duas escadas de caracol e dois cubículos onde eles escondiam amigos perseguidos ou onde guardavam inimigos que lhes caíssem às mãos. Estes dois esqueletos — já se vê — pertenceram a um moço e a uma jovem a quem eles quiseram castigar com a pior das mortes: enterrando-os vivos, deixando-os morrer à sede, à fome, pela asfixia e pelas trevas — que as trevas também matam. Quem seriam estes infelizes? Como se chamariam? Qual o seu crime? Amor? Se foi de amor o seu delito — saberiam, ao menos, na hora suprema da agonia, que morriam juntos, apenas separados por um palmo de pedra? Ou até esse pobre alívio lhes teria sido negado? Teriam morrido, cada um deles atormentado pela ignorância do destino do outro? Teria o seu destino ficado ignorado de toda a gente? Chegar-se-á um dia a arrancar desses esqueletos o seu doloroso segredo?»

Assim nos falou aquêlle nosso amigo, capitão médico da Guarda Republicana, cujo nome não queremos ocultar mais: o dr. da Costa Ferreira. Chegou demasiado tarde a revelação do segredo (que tanto o interessava — porque só agora o conhecemos, e aquêlle infeliz amigo já há oito anos que buscou na morte a paz que na vida não encontrara...)

A PAPELADA VELHA

O mistério dos esqueletos do Carmo fez uma curta época — abafado pelos acontecimentos políticos que se lhe seguiram. Publicámos ainda cinco

ou seis artigos sobre o assunto. Reproduzimos opiniões, deduções, ideias, paradoxos — mas nunca se chegou a fazer luz... E eis que, neste momento, e em consequência da reportagem sobre o mistério de Budapest, alguém nos escreve dizendo que...

Mas, perdão. Vamos à carta. Prossigamos a sua transcrição... «Entre os papéis que herdei dos meus antepassados, uma pasta existe que pertenceu ao tio-avô de meu pai, na qual encontrei sempre motivos para deleitar o meu espírito. Contem essa pasta vários massos de cartas, recortes, envelopes, apontamentos divididos e metodizados, presos por uns laços de seda. Quando li nos jornais o caso dos esqueletos do Quartel do Carmo recordei ter lido fôsse o que fôsse e onde fôsse que se ligava ou que



podia ligar-se ao assunto. Depois de ter vasculhado gavetas e folheado livros, lembrei-me da pasta do meu tio-avô paterno. Era lá que estava, de facto, uma carta que um amigo lhe dirigira, assinando «teu velho Caetano» e onde o velho Caetano dizia o que se segue: «Diz ao teu irmão Joaquim que se deixe de trabalhos e que não dê desgostos aos nossos. Ele não sabe quem é o fr. O. de J. (as iniciais são da carta). O bre daquêlle que cair no seu desgraçado ou que ele vir que pôde prejudicá-lo. Nem Sua Magestade, o nosso senhor D. José, nem Deus Todo Poderoso o salva. Se aquelas paredes e aquêlle chão do Carmo pudessem repetir o que têm escutado, que de gritos e de prantos! Nem os subterrâneos do Santo Ofício! O fr. O. de J. até aos superiores inspira tanto terror como se fosse Satanaz com sagradas vestes. Deus Nosso

Senhor me guarde que êle leia um dia o que te estou escrevendo. E sabes que o medo não é do meu sangue. O Joaquim que seja cauteloso, se não quere que lhe façam o mesmo do que à minha desventurada sobrinha Maria. A minha tia, a quem li a carta que me mandastes pelo Certã em resposta àquela onde te contava a desgraça da Maria, agradece muito a tua pena. Que a Virgem Santíssima a tenha em misericórdia.»

O FRADE MALDITO

O nosso correspondente descreve-nos com muito brilho o porquê das suas reminiscências, e mais adiante escreve: «Fiquel com tenção de procurar a carta a que o amigo do meu tio-avô se referia, deduzindo que nessa carta podia encontrar informação preciosa que explicasse este assunto, mas... a tal mandrice fez com que adiasse esse trabalho até me esquecer d'êle. Só agora, repto, depois do caso de Budapest resolvi buscá-la e encontrei. Resumo: Maria de Sampaio Gouveia de Azevedo, da ilustre família minhota daquêlle apelido, veio com a mãe, viuva, para Lisboa em 1777. Tinha quinze anos. Frequentavam certas casas afdalgadas e, pelo visto, a frescura da sua beleza em flôr atraía a cubija do misterioso Fr. O. de J., que não conseguia apurar quem seja, mas que, fácil é de concluir, pertencia ao Convento do Carmo. Há um ponto em que a carta do meu tio-avô é propositadamente confusa: no segredo de família que obrigou as duas senhoras, mãe e filha, a sujeitarem-se, covarde, servil, humildemente, como escravos à vontade do frade diabólico. Mas a menina resistia às pretensões asquerosas do frade, entre outras razões porque um galã da vizinhança lhe conquistara o coração virgem. Quando a mãe de Maria regressou ao Minho, ia sc. A filha fôra raptada pelo namôro (com ou sem o consentimento maternal, não sei, embora o narrador deixe perceber a primeira hipótese, como mal menor ao de entregar a filha à sensualidade brutal e feroz do frade); e ela, a mãe, fugiu, temendo as represálias. E tanto parece certo que a mãe estava conivente no rapto, que um dia de Maio de 1779 (dois anos depois da ida para Lisboa e quando Maria atingiu os 17 anos...) deixou de ter notícias da filha (o que quere dizer que se tivera até ali). Assustada, escreveu a um parente seu, de Lisboa, para que procurasse o galã, e esse parente respondeu-lhe três meses mais tarde dizendo-lhe: «Minha senhora prima D. Margarida Sampaio Gouveia de Azevedo: O sr. Maluenda já não habita o Poço Novo. A dona da casa, com quem falei, contou-me que na noite de 25 para 26 de Abril, ou seja de sábado para domingo, o sr. Maluenda veio buscar a sua desditosa e malhadada filha, pagou todas as contas e saiu com ela, sendo bem visível nos olhos de sua senhora filha as lágrimas que chorara e no parecer do desencaminhador de Maria as aflições que lhe iam na alma, que não eram de remorso mas outras que a dona da casa não soube explicar. Depois dessa noite e apesar de prometerem mandar alguém buscar as arcas com a roupa e haveres, que não eram muitos, nunca mais soube d'êles.»

«O nome de Maluenda não me souu a rovo. Na minha estante de modesto curioso de coisas antigas existe uma colecção da «Gazeta de Lisboa». Os srs. redactores podem consultá-la também na Biblioteca de Lisboa. Vejam no n.º do dia 5 de Julho de 1779 um anúncio assinado pelo empresário teatral espanhol D. Fernando Maluenda em que «se fala no seu desaparecido irmão Alfonso Maluenda». Será esse Alfonso Maluenda o Maluenda raptor de D. Maria Sampaio Gouveia de Azevedo? Serão d'êstes dois amantes os esqueletos encontrados há onze anos num pilar do Quartel do Carmo? Ter-se-á vingado o sinistro fr. O. de J., armando-lhes uma cilada e enterrando-os vivos? Crelo que sim.»

PRISIONEIRO DO CONVENTO DO CARMO

Não termino ainda a curiosíssima carta do nosso anónimo correspondente:

(Conclui na pag. 15)

O SEGRÊDO E O MARTÍRIO DE ANTONIO FOGAÇA

O PORTUGUÊS QUE FOI TORTURADO NA TÔRRE DE LONDRES

O «Reporter X» descobre, três séculos depois, numa exibição de aparelhos inquisitoriais, vestígios da trágica passagem do ministro de D. Sebastião por aquela fatídica tôrre... — Camilo Castelo Branco, Marck Petterson e Abrantes Lapas falam de Antonio Fogaça

LONDRES, em plena *Stand*... Três horas da tarde — ou antes, *da noite*. A noite começou hoje ao meio-dia — quando Lisboa se nimbava de ouro refulgente, no azul diafano dos seus horizontes. Perdi a noção do tempo — deambulando nostálgicamente pela cidade. Súbito, estaco... E'

de Alcantara ou da Rotunda do que da *Stand*, que é a artéria máxima, o «ex-libris» da capital britânica, quando a bicha em que eu, involuntariamente, ingressara me impeliu, com rítmica fleugma para a bilheteira... «Barato... — disse, ao pedirem-me 6 «pences» pela entrada... E mal supunha eu a valiosa surpresa que estava incluída naquêlo modesto preço.

UM PALAVRÃO PORTUGUÊS NO SÉCULO XVI... EM LONDRES

Erguida a cortina, a metamorfose do ambiente era fulminante. A sugestão do cenário — corredores baixos e estrangulados, de tecto abobadado; a humidade gélida; o bafo que se esguichava pelas frestas quadriculadas; as lanternas de luz agonizante e vermelha; a angustia do labirinto por onde nos ciceronavam, tudo nos fazia esquecer, instantaneamente, a rua imensa ruidosa, serpenteada de «taxis» e «autobus», incendiada pelos mil brazidos eléctricos dos anúncios luminosos, que acabavamos de deixar... Mas o que era o espectáculo prometido? Apenas a reconstituição scenográfica, extática, visual, dos trágicos subterrâneos da velha tôrre, onde várias dinastias reais fizeram padecer e desaparecer tôdas as vítimas dos seus ódios ou da sua política? Não Desembocámos, por fim, dos corredores e entrámos nos recintos que servem de palco ao espectáculo prometido. Por momentos visionei, medido pelo *frisson* que senti no dorso, o que seria a angústia moral dos desgraçados que entraram durante séculos em semelhantes caves, sabendo que aquêles adereços macábricos, que eu contemplava, tranquilamente, como visitante de museus, lhes eram destinados a quebrar os ossos, a estoirar-lhes os músculos, a rasgar lhes a carne...

A bicha enorme dos espectadores, (eram uns sessenta pelo menos) ficou instalada numa espécie de tribuna, construída frente a uma das paredes de... cartão. O recinto foi logo invadido pelo pessoal da casa, tôdos envergando guarda-roupa da mesma época — Henrique VIII —, juizes, escrivães, verdugos, frades e... prisioneiros. Para junto dos visitantes veio o *explicador*, e imediatamente os comparsas começaram ilustrando o que aquêlo nos narrava, numa teatral execução de suplicios para mais fácil esclarecimento da função dos múltiplos aparelhos: sarilhos de polé, torniquetes, e outros mimos da engenharia cruel da Tôrre de Londres. E quando, terminado o *grand-guignol*, os figurantes, artificialmente inquisitoriados e sorridentes como acrobatas, se erguiam das máquinas de tortura, e os espectadores, muito páldios, tentavam serenar o coração emocionado pelo realismo da ficção, e os falsos carrascos anforavam os braços, à espera duma nova bicha, a 6 «pences» por cabeça, para repetirem as habilidades, o *explicador*, muito grave e solene, preveniu o público:

«Tôdos os aparelhos que os senhores aqui vêem pertencem ás caves da Tôrre de Londres, como o sr. William Breck, autor d'êsta reconstituição, o prova pelos documentos que expõe na sala por onde vão passar agora.»

E dizendo isto, abriu uma espécie de cancela que o separava da tribuna e ciceronou os visitan-

tes pelo recinto. Sirandel, solitário, ao sabôr do meu capricho... Quantos gritos de dôr, quantas lágrimas, tragédias, injustiças, não tinham sido provocadas por aquela ferramenta da Maldade Humana? E com o espirito obcecado por esta ideia, curvei-me, apalpei, cheirei os ferros, os madeiros, as correntes, as roldanas, as polés, como se êles pudessem responder-me à minha pergunta... Não devia haver burla na afirmação do *explicador*, como aliás se provava nos documentos que depois examinei. A antiguidade do material era evidente. Mas eis que num cêpo que sustinha um «*mazorro*» para «estoirar braços» vejo, riscada, uma palavra que... Fixei-me melhor... Não havia dúvida!

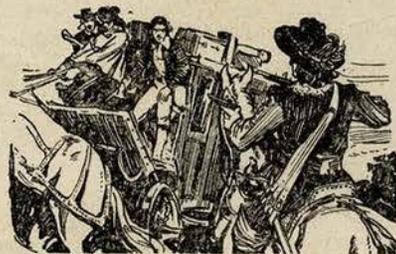
Naquêlo cêpo destinado a «aspar» as vítimas da Tôrre de Londres estava escrito ou melhor riscado com o bico dum prego ou algo semelhante, um vocábulo inconfundivelmente português, uma obscenidade, o mais lusitano e clássico dos palavrões... E é pena não vos poder dizer qual. Mas os senhores advinham-no pela certa...

Como e quem teria escrito aquêlo ressonantissimo vocábulo? Um português? Um português prisioneiro da Tôrre de Londres, no século XVI ou XVII?...

O SEGRÊDO DAS MASMORRAS

Del logo por bem empregados os seis «pences», e pedi para falar ao empresário. Êste foi gentilíssimo comigo e apresentou-me ao seu «consultor» erudito, o funcionário superior do «London Museum», Mr. Clark Petterson, que foi quem lhe proporcionou a compra do material em exhibição e quem lhe garantiu a sua autenticidade. Disse-me:

— Durante três an s, tôdos êsses aparelhos de tormento foram meus. Estudei-os atentamente, e se você os tivesse visto como eu os vi, teria encon-



Evocação do assalto aos «sete ministros da Rainha Isabel», cheilado pelo português Antonio Fogaça, tal como aparece no romance histórico «The Five Black Men», de Edward Stuber

trado muitas outras palavras riscadas pelo mesmo processo, nos cêpos, madeiros e traves. Os supliciados ficavam fechados horas inteiras, no recinto da tortura, antes e nos intervalos dos interrogatórios, para, contemplando aquela maquinaria, terem pouca vontade, depois, em negar as acusações que lhe faziam. Era uma habilidade dos juizes. Havia cor-

(Conclui na pag. 15)



Vista da Tôrre de Londres, de fatídica memória, em cujas caves tantos desgraçados foram torturados, durante séculos...

um agrupamento, o eterno, o ingénio, o papalvo agrupamento de Londres — frente a uma porta. Empoleirados num degrau de pedra — três homens, fregolizados numa fantasia carnavalesca, pregam, gesticulam e distribuem prospectos, como pantomineiros de feira. Dois dêtes envergam o traje clássico dos guardiões da Tôrre de Londres, calções curtos e tuifados, meias até ao alto da perna, vestes listradas de vermelho e negro, golas altas com bofes brancos, lanças muçulmanas nas mãos enluvadas de couro. O outro macaqueava um verdugo medieval, de mangas arregaçadas para que o «sangue das vítimas» não lhe jorrasse para a camisa; capuz enfiado até ao pescoço e esburacado na altura dos olhos. Encimando o portal, que tinha o n.º 81 (a), estava uma longa tira de pano, à laia de tabuleta improvisada com o reclamo ao espectáculo: «Os Mistérios da Tôrre de Londres» — «Reconstituição impressionante dos tormentos e torturas do tempo de Henrique VIII».

Os pregoeiros enrouqueciam a propagandear as emoções que nos aguardavam por detrás daquela cortina... Sorria-me eu, comentando, em pensamento, a papalvice do mais poderoso povo da Europa e do Mundo e a ingenuidade de certos espectáculos londrinos, mais dignos da antiga Feira

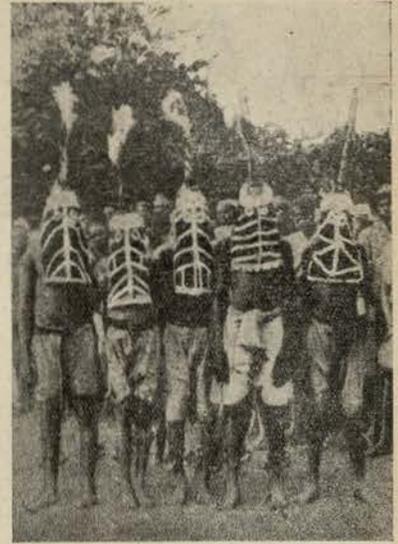
(a) *Stand*, 81, «The Old London Exhibition's», para que os portugueses que vão a Londres não deixem de visitar êste extravagante espectáculo. — N. do A.

A evolução da máscara através dos tempos



As máscaras dos espadachins esgrimistas

pela qual se verifica que a hipocrisia humana, tão velha como o mundo, apenas se transforma com as civilizações



Os negros do Sudão mascararam-se com estas máscaras para executarem as suas danças selvagens



A máscara nos sports. O «catcher» (apanhador) do jogo de base-ball, sport nacional dos americanos



Disfarce usado pela Setta da Misericórdia, fazendo o pedtório à porta duma igreja em Pisa (Italia)



Cirurgiões com máscaras para uma operação difícil

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

1.º — *E' mentira que as autoridades parisienses tivessem proibido a circulação do «Detective». Chiappe, Prefeito de Paris, no dia 18 de Janeiro ordenou (textual): Que não fôsse permitida a exhibição nos quiosques dos «boulevards» das capas inteiras do «Detective» quando elas reproduzissem fotografias que pudessem impressionar violentamente o público!*

2.º — *Quem fundou o «Detective», com 2/3 do capital (400.000 francos sobre 600.000 francos) foi o próprio Chiappe, Prefeito de Paris, como se pode provar vendo a escritura no «Journal Officiel» em 1 de Março de 1928.*

3.º — *Que Chiappe fundou o «Detective» como agente defensor da policia no espirito do público e por isso o «Detective» era o orgão oficial não só da policia como da Prefeitura.*

4.º — *Que aquela represália foi consequência de Kessel ter ganhado o litigio existente entre os capitalistas — ficando o seu grupo, o grupo Kessel, adversário do grupo Chiappe, vencedor.*

5.º — *Que Chiappe fundou a seguir «Police Magazine», muito mais acen-tuadamente sangrento do que o «Detective», aparecendo o seu irmão, Jacques Chiappe, como administrador da nova revista.*

6.º — *Que estas revistas, longe de demoralizarem, são consideradas pelo próprio Chiappe como um factor contra o crime; e que assassinos como o matador do ourives da Avenue Mozart, não só não as lêem como proibem as amantes de as lêrem... Pelas mesmas razões que o tal jornal católico português evoca — o que não evita que êle, assassino, praticasse a repugnante proeza que praticou.*

7.º — *Que Diogo Alves, José do Telhado e outros facinoras não eram leitores do «Detective».*

E depois disto, que venham dizer que o Carnaval dura apenas três dias...

REPORTER X

A MULHER ENIGMÁTICA

Um enamorado inconveniente e as três personagens do camarote do «Sá da Bandeira» — O diplomata coleccionador de quadros de pintura — Uma estrangeira estranha que prefere à côrte dos homens a amizade de mulheres — O drama ignorado do Monte Estoril — Um acto desesperado que ficou sempre envolvido em mistério — Uma sensacional noticia de «Le Soir» — Porto-Lisboa-Paris! — Quem são os protagonistas da farsa?

ESTES senhores que fazem dos teatros o seu campo de manobras amoradas tornam-se incomodativos!... — comentei eu, irritado, para o architecto David Roda, figura conhecidíssima nos meios elegantes portuenses. — Logo por azar ficou um desses ridículos exemplares na minha frente, que me não deixa vêr o espectáculo.

Precisamente nessa ocasião o meu vizinho da frente contorcionava o corpo, esgalgando o inconveniente pescôço para um camarote de primeira, entalçando-me, assim, a vista do palco. Ora este facto era bastante aborrecido para mim...

— E' o Armando Santos! — ciciou-me Roda, ao

vejado pela curiosidade de alguns «mirones», desfazia-se em amabilidades para a Condessa — mulher dos seus trinta anos, magestosa, estranha, dessas que sem sêrem modelos de perfeição física possuem contudo um esquisito poder de sedução que prende e encanta os mais insensíveis.

Francesa?... Austriaca?... Alemã?... Mistério! Os seus olhos verdes, de suave ingenuidade, falavam-nos de tôdos êsses países, deixando entornar das pupilas um vago sabor internacional de pessoa cosmopolita que já tem viajado muito, que já tem vivido a intensidade de grandes centros de animação e prazer...

As luzes apagaram-se. Começava o segundo acto das *Rosas de Portugal*. Reocupel o meu «fauteuil», disposto já a descobrir o motivo da presença no Porto da Condessa.

No final da representação, ao sairmos do Sá da Bandeira, o architecto Roda, travando-me dum braço, disse-me para obstar a que a seguisse num «taxi»:

— E' escusado, meu caro!... Sei onde êles moram...

O *Trasmontano* é um restaurante nocturno, em Entre-Paredes, onde se reúne a tertulia intelectual do Porto. Foi aí, completamente alheados da algazarra jovial duma assistencia alegre, que, enquanto ceavamos, o meu companheiro detalhou, desfolhando o album da sua memória bem servida por um precioso espirito de observador:

— «Miss Esfinge» é o *sobriquet* por que ela ficou sendo conhecida, mal appareceu cá no burgo, há questão de dois meses... Rodeada de civilizador fausto, como uma grande senhora, escrava do luxo e da vida moderna, instalou-se, com o velhote, num discreto palacete, all na Avenida da Boavista. A sua vida retirada, o seu aparecimento misterioso, a sua beleza estranha de perfil mais estranho ainda, depressa foram notados por tôdo o Porto... E, fatalmente, a nossa mocidade doirada, certos jovens galãs bastante conhecidos nos meios elegantes, iniciaram logo um cerrado ataque de amor, experimentando velhos ardis *tenorianos*, assestando, em suma, as suas estafadas árias de amorosos contra a enigmática mulher... E ela resistia a tudo, superiormente, couraçada em indecifrável sorriso e electrizando-os, com a sua defesa, de maiores ansias ainda... Você compreende: cheifrou a aventura galante com uma estrangeira disputadíssima e os nossos inofensivos rapazes são portugueses... Apesar-de embezzados com aquela resistencia inexplicavel, offensiva para os seus brios *donjuanescos*, êles contudo não desistiram, apertando ainda mais o cerco, metralhando-a de olhares sonhadores, grotescos, exageradamente cómicos...

«E um dia, decorrida talvez uma semana, o Porto foi convulsionado por sensacional acontecimento, discutido nos «cafés», murmurado nos salões de festas, comentado nos cinémas, no teatro, em tôda a parte onde se juntavam dois homens — um despeitado e um indifferente... O banqueiro A. N. conseguira intercalar-se no palacete de «Miss Esfinge», acompanhando-a, e ao velhote, na via pública, passeando-a em triunfo, ostensivamente, como um objecto que lhe pudesse dar a celebridade, feliz por a mostrar aos seus amigos, aos seus conhecidos, que, via-se bem, o picavam de olhares invejosos... Todavia, ergueram-se vozes de júbilo, de delírio, porque o

«facto era qualquer coisa de honroso para a dignidade dos portugueses»...

«Qual, porém, não foi o espanto de tôdos quando na semana seguinte se viu que a substituir o banqueiro A. N. junto da problemática mulher se apresentava um jovem da melhor sociedade portuense — N. P., filho único dum importante vinicultor do norte... Embasbou-se de pasmo!

UM MILIONÁRIO DE REQUINTADO GÓSTO ARTÍSTICO OU UM VULGAR NEGOCIANTE DE OBRAS PRIMAS?...

«Depois — continuou o meu informador — a vida da misteriosa Condessa foi pacientemente dissecada pela opinião pública, que neste caso estava representada por meia dúzia de maduros desocupados. E soube-se então o seguinte: Ela é austriaca, natural de Viena — a cidade europela que, segundo autorizados cronistas, tem as mais lindas mulheres do mundo. Que é Condessa e se chama Zoé Zuckmann, já você o sabia. O tal velhote, que, como uma sombra, a acompanha por tôda a parte é o pai dela... Alemão legitimo e antigo diplomata do «Kaiser». A mãe, ao que parece, era uma cantora lirica italiana por quem o Conde se



O Conde Zuckmann

ouvido. — Deve encontrar-se por aqui algures a «Miss Esfinge»...

— De que se trata? — interroguel, surpreendido com o romântico apôdo.

— Conto-lho, quando acabar o espectáculo...

No intervalo do primeiro para o segundo acto, obedecendo a um antigo hábito, passei o olhar pela sala, investigando o aspecto geral da assistencia... Depois, indifferente, desinteressado, olhei também o camarote que tanto preocupava o Armando Santos, o qual, agora, numa hipnose de sofreguidão, de olhares esgazeados, parecia querer tragar uma mulher que ali se via... Em volta havia risadinhas sarcásticas, murmúrios desconcertantes, comentários em surdina, cujo alvo, indubitavelmente, eram o meu vizinho da frente e aquela mulher do camarote. Julgando compreender, fixei-a também, binoculei-a escandalosamente, não conseguindo reter uma exclamação de surpresa.

— Mas aquela mulher é a Condessa Zoé Zuckmann!...

— Conhece-a?

Não respondi, tornando novamente a examiná-la, e reparei nos dois homens que a acompanhavam. Um dêles era um velhote, de respeitavel aspecto de múmia, com uma calva luzidia, rebrihante, e ostentando na lapela da casaca a rosêta da «Legião de Honra»; e o outro, rapaz ainda novo, trigueiro e simpático, com visíveis traços de português, constituia uma perfeita antítese com o primeiro. O velhote, numa espectacularidade um tanto teatral, talvez satisfeito por se sentir al-



A Condessa Zoé Zuckmann

apaixonara e que ao fim de dois anos de matrimónio pagou ao aristocrata a sua paixão com o plebeísmo duma fuga nos braços de qualquer tenor de mediocre valor... Desgostoso com a traição da esposa, o Conde Zuckmann abandonou a sua carreira, deixou Milão, onde então exercia um elevado cargo diplomático, e passou a viver para os seus novos amôres: a filha, ainda pequenina; as viagens e as colecções de quadros de pintura de autores célebres.

«Dizem que o velhote é milionário, mas eu incli-

(Conclui na pag. 14)

OS SEGRÊDOS DA "CHANTAGE"

Uma carta repudiando um indivíduo que usa dizer-se

Utra Machado — Um conselho que deve ser seguido

OS nossos artigos sôbre os chantagistas que andam explorando incautos á sombra do nosso nome tiveram o condão de trazer á superficie algumas declarações interessantes.

Uma delas, sem a menor sombra de dúvida, é a do sr. Augusto Teles de Utra Machado Junior, estudante de medicina,

UMA HOMENAGEM A REINALDO FERREIRA

Realizou-se no "Coq d'Or" uma ceia íntima promovida pelos redactores do "Reporter X"

PROMOVIDA por alguns redactores do Reporter X, realizou-se no passado dia 6, depois da 15.ª representação da *Dama do Sud*, que tem constituído um verdadeiro triunfo teatral,

Brindaram pelo nosso prezado Director, enaltecendo-lhe as suas extraordinárias qualidades de trabalho, carácter e inteligência, e felicitando-o pelo triunfo da *Dama do Sud*, D. Virginia Quaresma,



A assistência à ceia de homenagem a Reinaldo Ferreira, Director do «Reporter X»

uma ceia íntima de homenagem a Reinaldo Ferreira, nosso querido Director.

A esta pequena festa, que se revestiu de um carácter muito íntimo e enternecedor, assistiram apenas redactores e colaboradores do Reporter X, com suas famílias.

A ceia, que decorreu num tom fraternal, foi admiravelmente servida no restaurante *Coq d'Or*, cujo ambiente de arte é agradável respirar.

Belo Redondo, Mario Domingues, Paulo Freire, Guedes de Amorim, Americo Faria, Costa Junior, D. Tomás de Almeida, Garditch e Idilio Ferreira.

Num discurso brilhantissimo, pleno de afirmações de carácter profissional, agradeceu Reinaldo Ferreira a tódos que o saudaram, mostrando-se muito sensibilizado com a manifestação de aprêço de que acabava de ser alvo.

tem o inaudito descaramento de usar um nome que não lhe pertence.

2.º — Que esse indivíduo não se chama Carlos Utra Machado, mas sim Carlos Machado, como se pode provar pela apresentação da respectiva certidão de nascimento.

3.º — Que esse Carlos Machado, apesar de ter laços de parentesco com a nossa família, há muito que foi irradiado do nosso convívio e da nossa estima por ser um membro que, devido ao seu destrambelhamento mental e à sua tara perigosa e má, se converteu num elemento pernicioso ao nosso nome e ao nosso carácter.

4.º — Que declaramos nada termos com as acções praticadas e as que possivelmente venham a ser praticadas por esse indivíduo e que possamos ferir de qualquer forma os interesses de outrem.

5.º — Que aconselhamos as pessoas

junto de quem o citado Carlos Machado se apresenter, que o afastem imediatamente do seu convívio por este se tornar prejudicial.»



Carlos Machado, tomando ares de grande reporter...

que nos escreveu uma carta da qual recortamos as afirmações essenciais:

«1.º — Esse indivíduo (Carlos Machado) que V. aponta no seu semanário como autor de um caso de «chantage», não contente de se entregar à prática de actos incorrectos e vergonhosos, ainda

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Quem incendiou o Teatro Baquet?

A mulher enigmática

(Continuação da pag. 12)

(Continuação da pag. 5)

o teatro não devia abrir sem lhe fazerem certas modificações—que não se fizeram assim como aquelas a que foram forçados os outros teatros.

«Ciriaco de Cardoso abriu o teatro em Setembro, para o que foi autorizado. Tinha a seu lado uma grande corrente de opinião—a simpatia pública e alguns jornalistas. A peça de mais sucesso da época 1887-88 foi «Os Dragões de Vilars», precisamente a peça que foi à scena naquela noite trágica, juntamente com uma adaptação de «La Gran Via». Ia-se na última parte do espectáculo, quando o incêndio se manifestou. Ninguém deu por êle, senão entre scenas. Os carpinteiros pararam o trabalho e os actores Sanchez e Gomes, em scena, esperam o sinal de Ciriaco para bisar um número. Ciriaco nota o que se passa no palco e, mantendo-se na atitude de dar entrada ao número, espera que o borbo-rinho, que ainda não compreende em tôdas as suas horribéis conseqüências, termine. Quando o pano desce bruscamente, Ciriaco compreende que não pôde apagar-se, no seu inicio, o incêndio. Faz sinal á orquestra para manter-se nos seus lugares e volta-se para o público, que já se impacienta, levantando se uns e protestando outros, no intuito de pedir-lhe para ir saindo com calma, prevenindo-o, sob reserva, do sinistro em inicio. Gesto inutil! Alguem grita, fugindo:—«Fogo!»

Ciriaco, lívido, não pôde pronunciar uma palavra. Olha apavorado o público que se esmaga junto ás portas. Já começava a arder o pano de boca. Faz sinal aos músicos, que não se haviam mechido, para se retirarem em direcção à rua pela saída mais próxima e sai, depois do último, como o comandante dum barco que nada mais tem a fazer a bordo. Se se conserva no seu lugar mais uns minutos, a morte era inevitavel...

—E os incendiários?

—Conheci um; o outro, que mais tarde confessou o seu crime, andou perdido pelo palco depois do crime cometido, meio doido, sem atinar com a saída, e quando conseguiu pôr-se a salvo, estava cego. Muita gente se lembra dêle. Pedia esmola ainda há poucos anos, até à sua morte, ali em Fernandes Tomás, e morava lá para os lados da Sé. O outro... O outro que o auxiliou no crime, também já morreu. Não lhe digo o nome, embora haja mais quem o saiba. Êle próprio me confessou um dia, torturado de remorsos: «A hora ia já adiantada! Ouvimos muitas palmas. Julgámos que era o fim do espectáculo. As instruções que tínhamos recebido era de esperar pelo final. O fôgo começaria a crepitar e só se intensificaria quando o público já estivesse

no-me mais a crêr que êle seja um desses furiosos marchand-de-tableaux, sempre à cata de obras primas de pintura, de cujo negócio, bastante rendoso, viverá—um desses indivíduos típicos que buscam os leilões para disputarem os quadros célebres, porventura leiloados, os quais são vendidos depois, com vantagem, é claro, a terceiros... Há sempre novos-ricos que, para se evidenciarem aos olhos da sociedade, adquirem essas preciosidades, esbanjando verdadeiras fortunas na compra de coisas de arte, cuja beleza não podem perceber, mas que, por ser de bom tom, arquivam, julgando dessa maneira enganar o mundo sobre a sua distincão e cultura artistica.

«Sabedores da mania predominante do antigo diplomata, mania que, seja dito de passagem, lhe proporciona a posse de valiosa galeria, um autêntico Louvre, onde figuram assinaturas de Zurbaran, Ticiano, Corot, Sans di Prieto, Ruysdael, Moralles, Van Ortade, e tantas outras celebridades, alguns dos mais espertos admiradores da filha, com o pretexto da arte, sabendo insinuar-se no ânimo do velho, para conquistarem a Condessa, passaram a visitar-lhe a casa, a disfrutarem dum certa intimidade... Ela, porém, é que não está disposta a deixar-se prender, porque êles, passado pouco tempo, derrotados, a inabordable Condessa, adquirindo, em troca, uma preciosa tela ao velhote...

—Entendo—retorqui, interrompendo a curiosa narrativa.—O ex-diplomata aproveitava a oportunidade para ir fazendo o seu negócio... Isso é muito interessante e atilado da parte do velho...
—Só lhe digo isto: o Porto está inundado de quadros, alguns de grande valor. De diversos sei eu que foram comprados por elevadas cifras. Uma paisagem de Ruysdael, por exemplo, comprou-a B. R. por 150 contos...

—Então a filha...

—Continua a enlouquecer os rapazes do Porto, com os seus sorrisos e os seus olhares prometedores... O seu último apaixonado é o sujeito que os acompanhava no camarote do Sá da Bandeira, o capitalista R. P., figura do maior relêvo no nosso meio financeiro. E o Armando Santos, o que estava à sua frente e o irritou e inibiu de vêr o es-

na rua. Nunca pensei nos resultados do meu crime!»

—E quem deu a êsses homens instruções para tão horroroso crime? Quem lhes pagou?

—Nunca se descobriu. Nunca o confessou! Mas tive um dedução. O Teatro Baquet fazia sombra a alguem. Mas a politica nêsse tempo tudo explicava, tudo encobria, tudo esquecia. E hoje, incendiários e possíveis mandatários, já morreram...

ERNESTO DE BALMACEDA

Homenagem ao «Reporter X»

O sr. Albuquerque, proprietário do Café Nicola, freqüentado assiduamente por quasi tôdos que trabalham no Reporter X, querendo manifestar a sua simpatia pelo nosso jornal teve a gentileza de oferecer, na terça-feira passada, um almoço ao nosso prezado Director e aos seus redactores e colaboradores.

O almoço, que se realizou nas caves do aludido café, decorreu em grande cordialidade, revestindo-se de um caracter muito íntimo, tendo o sr. Albuquerque e o nosso Director trocado brindes de saudação, acompanhados entusiasticamente por tôdos os presentes.

pectáculo, deve ser o sucessor... Está na conta. Não me admiro nada se qualquer dia me vierem dizer que também adquiriu um quadro e... sofreu uma desilusão...

O leitor avallará agora do meu assombro ao saber que, quando um destes dias folheava um dos numerosissimos dossiers sobre assuntos internacionais, laboriosamente arquivados na redacção do Reporter X, me caiu subitamente debaixo da vista o recorte de um jornal francês, que de muito perto se relaciona com o que atrás ficou transcrito.

Leia! E' um pedaço suculentissimo de saborosa prosa, uma deliciosa sobremesa a finalizar um primoroso jantar.

UMA IMPORTANTE FALSIFICAÇÃO DE QUADROS CELEBRES

Foi êste o titulo cartazero, berrante, o chicote que me retalhou de emoção os nervos, empregando-me sôfregamente a curiosidade. E logo a seguir, lê-se a noticia pormenorizada, habilmente exposta pelo reporter francês naquêlle número recente de *Le Soir*:

«No boulevard de Saint-Germain foi descoberta uma fábrica clandestina de pintura artistica, onde se falsificavam, em série, telas célebres de autores antigos.

A contrafacção das mais raras obras clássicas era executada com talentosa perfeição pelos artistas Michel Croix, francês e Giovanni Tardini, italiano, chegando os quadros falsos a iludirem os peritos mais experimentados no assunto, dada a sua real beleza, maestria e expressionismo de execução.

A policia francesa apreendeu já grande número dessas telas, averiguando tratar-se dum formidavel organização internacional, com ramificações em tôdo o mundo culto, cujo principal objectivo era o rendosissimo comércio. O total de quadros falsificados parece elevar-se a algumas centenas, vendidos por preços fabulosos em diversos países como se realmente se tratasse dos autênticos originaes.

Só do formoso e famoso quadro «Legenda de Santo Eustaquio», de Pisanelo, que, como é do dominio público, foi há tempos roubado do «British Museum» de Londres, foram encontradas, no atelier onde se procedia à falcatrua, oito cópias, as quais, se fôsem misturadas com o verdadeiro original, seriam depois de difficilissima identificação em vista da perfeição da técnica, do colorido e do estilo empregados naquelas serem facilmente confundidos com os dêste.

A audaciosa quadrilha era chefiada por um perigoso aventureiro de largo cadastro internacional, cuja nacionalidade e identidade se desconhecem em absoluto. Trata-se dum individuo acentuadamente anormal, que, ultimamente, percorreu alguns países da Europa, em *travesti* de mulher, sob o nome feminino de Zoé e fazendo-se passar por filha do Conde Franz Zuckmann, antigo diplomata alemão, com quem viajava e promovia a venda dos artigos.

No acto da captura destes dois temíveis aventureiros—um episódio movimentadissimo que, por momentos, pôs em sobresalto o «Grand Hotel de Paris», onde se hospedavam—foi também detido um outro individuo, Armand Santos, português, o qual indignadamente protesta a sua inocência, mas sobre quem recalem fortes suspeitas de cumplicidade no criminoso negocio.

Estão iminentes novas prisões, estando implicadas no caso algumas altas individualidades francesas e estrangeiras, de destacada posição social no mundo das artes e da diplomacia.

Em perseguição dos dois artistas burlões, que conseguiram fugir, atravessando a fronteira, seguiram os agentes Litran e Mervaux.

Sobre a interessante matéria nada mais dizia aquêlle recorte de *Le Loire*.

A. F.

O português que foi torturado na Torre de Londres

(Continuação da pag. 10)

rentes erçadas de pregos ao alcance das suas mãos, quando as tinham livres, e muitos, na aflicção e na perspectiva da dor, riscavam com esses pregos desabafo curiosíssimos. Eu sei a que vocabulário o senhor se refere porque esse vocabulário obrigou-me a muitas horas de reflexão. Todos estão em inglês — excepto dois; e destes dois, um está em alemão e já calculo quem o tivesse feito; o outro, aquêle que lhe interessa, ignorava eu a que idioma pertencia. E já que o sr. diz que é páfavra portuguesa, posso facilmente informá-lo se algum português sofreu tormentos na Torre de Londres, na época em que lá estavam esses aparelhos.»

Dois dias eu esperel, impaciente, que M. Clark Peterson consultasse os arquivos. Na tarde do terceiro recebi uma carta sua, assim redigida: «Dear Sir: Um único preso português desceu as masmorras da Torre de Londres no período que nos interessa. A informação que obtive nada diz sobre a sua categoria nem causa de prisão, nem desenlace de drama. Sei apenas que se chama Antonio Fogaça. Seu, etc., C. Peterson.»

Antonio Fogaça? E tive um gesto de desespero! Julguei que me era impossível decifrar esse enigma...

QUEM ERA ANTONIO FOGAÇA

E não foi... Bastou, poucas noites depois, folhear mais uma vez o 1.º volume das «Noites de Insónia», de Camilo Castelo Branco — no capítulo «Dois poetas inéditos do Porto». Numa chamada da página 32, li o seguinte: «...prende com esta família do Porto Antonio Fogaça, aqui nascido; D. Sebastião o mandou como seu residente para Inglaterra, onde permaneceu largos anos, em serviço dos Felipes, enviando de lá importantes notícias, em tempo de Henrique VIII. Seguiu a facção da Rainha Catarina, e gastou o mais grosso dos seus cabedais nesse brioso empenho. Succedendo no trono a Rainha Isabel, foi Antonio Fogaça preso e duas vezes tratado na Torre de Londres, vindo a morrer das torturas, quando recobrou a liberdade.» etc., etc.

Não pode haver equívoco. O Antonio Fogaça que o conservador do Museu de Londres me indicou é o mesmo a que Camilo se refere; é o mesmo que, fechado na cave dos supplicios da Torre de Londres á espera que lhe martirizassem a carne nos tratos inquisitoriais, riscou, com o bico dum prego, aquêle palavra portuguezissimo que eu, trezentos e tal anos depois, vou descobrir num espectáculo ingénuo, em Londres...

Não contente, porém, com o que li nas «Noites de Insónia», de Camilo, expus o caso ao meu querido amigo e erudito professor portuense dr. Abrantes Lapa, o qual, fornecendo-me duas das illustrações que acompanham este artigo, me oferece um pouco mais de lenha para a fogueira: «Antonio Fogaça não foi apenas um passivo adepto da Rainha Catarina — escreve-me aquêle senhor. — Distinguiu-se entre os que mais activa e destemidamente a defenderam. Chegou mesmo a chefiar um grupo de cavaleiros que atacou, na estrada de Glasgow, a carruagem onde seguiam os «sete ministros» de Birmann — tentando sequestrá-los e evitar a derrota da sua real dama. Foi esta a proeza que o levou á Torre de Londres — em consequencia do que veio a morrer em 7 de Outubro de 1634. Tinha as pernas partidas e só se deslocava ao colo dos creados. Um historiador inglês, Edward Stuber, publicou no final do seculo passado um romance sobre a Rainha Isabel, em que se refere elogiosamente ao nosso compatriota. Esse romance intitula-se «The Five Black Men» — e dele retirei a evocação gráfica do assalto e a reprodução dum retrato de Fogaça, attribuida ao pintor italiano Toni Borini — que o cidadão escritor inglês foi descobrir num palacete de Richmond,

OS SEGREDOS DA MÃO NEGRA

(Continuação da pag. 7)

Chefe a da chegada de um Camorrista livre e activo, que pede os seus direitos de reconhecimento, bons ou maus.

«Leve noticia ao Chefe da Sociedade que um Camorrista livre e com direitos á sua parte na Camôrra chegou, mas prescinde dos direitos até que a investigação prove ser justa a sua reclamação.»

Pode ser admitido no Circulo dentro de 12, 24 ou 48 horas, dependendo da brevidade o arranjar-se local seguro para a refinião.

(Continúa no próximo número)

O coveiro do cemitério de Mafra

(Continuação da pag. 7)

quere-me parecer que a segunda é antiquissima, talvez dos tempos primitivos da velha Magfara. Em frente á porta do cemitério do Mafra ficava a Quinta da Dona Ana Madail, á distancia de um tiro de bala, em linha recta. Esta Dona Ana Madail, fidalga dos velhos tempos, era uma encantadora velhinha, ai por 1896, quando eu a fui visitar com minha mãe, de quem ella era muito amiga. Lembro-me que me fez muitas festas, muitas perguntas, e me ofereceu, «visto eu já então gostar muito de livros», quatro volumes do «Almanaque da Imaculada Conceição», que eu ainda hoje possuo como lembrança dessa boa senhora, fidalga e rica, que nunca mais visitei, nem vi, e que hoje me admiro como podia viver naquella tristissima solidão, tendo por única paisagem o cemitério não distante, e uma gembunda fachada de pinheiros em toda a volta.

As longinquas recordações da minha mocidade distante que este precioso livro de «Memorias» de Dom Tomás tem trazido á minha alma e ao meu espirito de mafrense vagabundo e arreado!...

Dezembro, 31, 1930.

JOÃO PAULO FREIRE

METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 86 a 92

Telef. 434 — PORTO

CASA DOS METAIS
Gomes da Silva, Ltd.
ESPECIALISTAS

Balanças, artigos
para a industria

antiga legação de Portugal, nos principios do seculo XIX.»

Creio que fôsse este o único português cuja carne os verdegus da Torre de Londres torturaram. Mas o seu berro, a sua blasfêmia, o seu insulto em resposta aos tratos que lhe deram, foi tão vibrante que ainda hoje, mais de três seculos depois, se ouve — na Stand, n.º 81... Vale a pena vir a Londres — só para ler a tal palavra que Antonio Fogaça escreveu no cépo dos tormentos...

REPORTER X.

Os onze esqueletos misteriosos do Carmo

(Continuação da pag. 9)

«Na pasta de que já lhes falei — prossegue — existe também a seguinte carta dirigida pelo outro meu tio-avô paterno ao irmão. Este estava então vivendo no mesmo solar minhoto de onde lhe escrevo; aquêle encontrava-se na capital — e diz o seguinte — com data de 20 de Janeiro de 1780: «Rogo ao mano que nada do que lhe escrevo repita á nossa senhora mãe para poupar-lhe desgostos. Deus Nosso Senhor não quis castigar as minhas doidezes — levando a tempo deste mundo a pessoa que sabe. Mas o mano, que sabe também a estima em que eu tenho a Maria, pode perceber porque foi que eu me meti a trabalhos. O nosso primo frade que nunca arranchou com o outro e que tem pouco apego á vida e não lhe fazia medo cair no seu desagrado jurou-me que já contara onze as pessoas que o maldito fizera entrar no convento, para nunca mais saber. O proprio intendente da policia lhe tem respeito. Agora que tudo passou posso dizer ao mano que é verdade aquilo da véspera do Natal. Quando eu quis sair do convento, o maldito e mais dois outros frades delataram-se a mim e levaram-me para uma cela de onde não saíria vivo se não fôsse o nosso bondoso primo que me veio buscar enquanto os outros estavam na igreja — esperando a melhor hora para me fazerem o que já fizeram a onze —, e entre esses estou certo, a infeliz Maria e o espanhol que queria casar com ella. Ele descobriu lá anos uns tumulos nos quais enterra vivos os que quer fazer desaparecer e que morrem á mingua de agua e pão! Quando me pilhei na rua senti ganas de mesmo all ajoelhar e agradecer a Deus Nosso Senhor ter-me salvo no dia do Nascimento do seu Santissimo filho. Mas não a tabaram aí os meus trabalhos... Estive dois dias fechado em casa do tio Augusto e a casa sempre espelrada pelos tais malandrins que o frade tem por sua conta. Estavam á espreita que eu sáisse para me esfaquearem. Felizmente deu-lhe um estupor e lá morreu que não faz falta cá na terra. O mano não diga nada á senhora nossa mãe. Seu mano que muito o estima e respeita: Joaquim.»

E OS NOVE ESQUELETOS RESTANTES?

Duas informações — nossas — a concluir. O frade a que essas cartas se referem deve ser fr. Oldemiro de Jesus — cuja muita fama encheu a sua época e cuja vida está por teorizar... E se é exacto — como tudo nos leva a crer — o que nessas cartas se diz, nos outros pilares que sustêm as cavaliças do Quartel do Carmo, que não tiveram a curiosidade de esburacar, existem ainda nove cadáveres, nove esqueletos, de nove vítimas do frade maldito — condenadas á pior das mortes pelo seu odio infernal.

Comandante Jaime de Sousa

Deu-nos o prazer da sua visita o sr. Comandante Jaime de Sousa, antigo deputado e ministro, que aproveitou o ensejo para nos recordar a conveniência de avisar os nossos prezados leitores que nada tem que ver, nem de perto nem de longe, com Jaime de Sousa, comerciante do Norte, conhecido também pelo sobriquet de «Marquês de Sousa».

«REPORTER X.»

ENCONTRA-SE Á VENDA EM TÓDOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

O maior sucesso literário de 1931

Novela Policial

LEITURA EMOCIONANTE ! ■ ASSUNTOS PALPITANTES !

— DIRECTOR : —

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Quinta-feira, 19 de Fevereiro

NOVELA POLICIAL

N.º 4

“O espia de Bruxelas”

Original inédito do REPORTER X

A NOVELA POLICIAL

16 páginas — Uma novela policial completa,
original, inédita — Capa a cores

Preço : UM ESCUDO

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinaturas para a Administração do «REPORTER X» e da «NOVELA POLICIAL».

TELEFONE || ROSSIO, 3, 3.º || Endereço
2-5442 || LISBOA || Telegráfico
REPORTERX